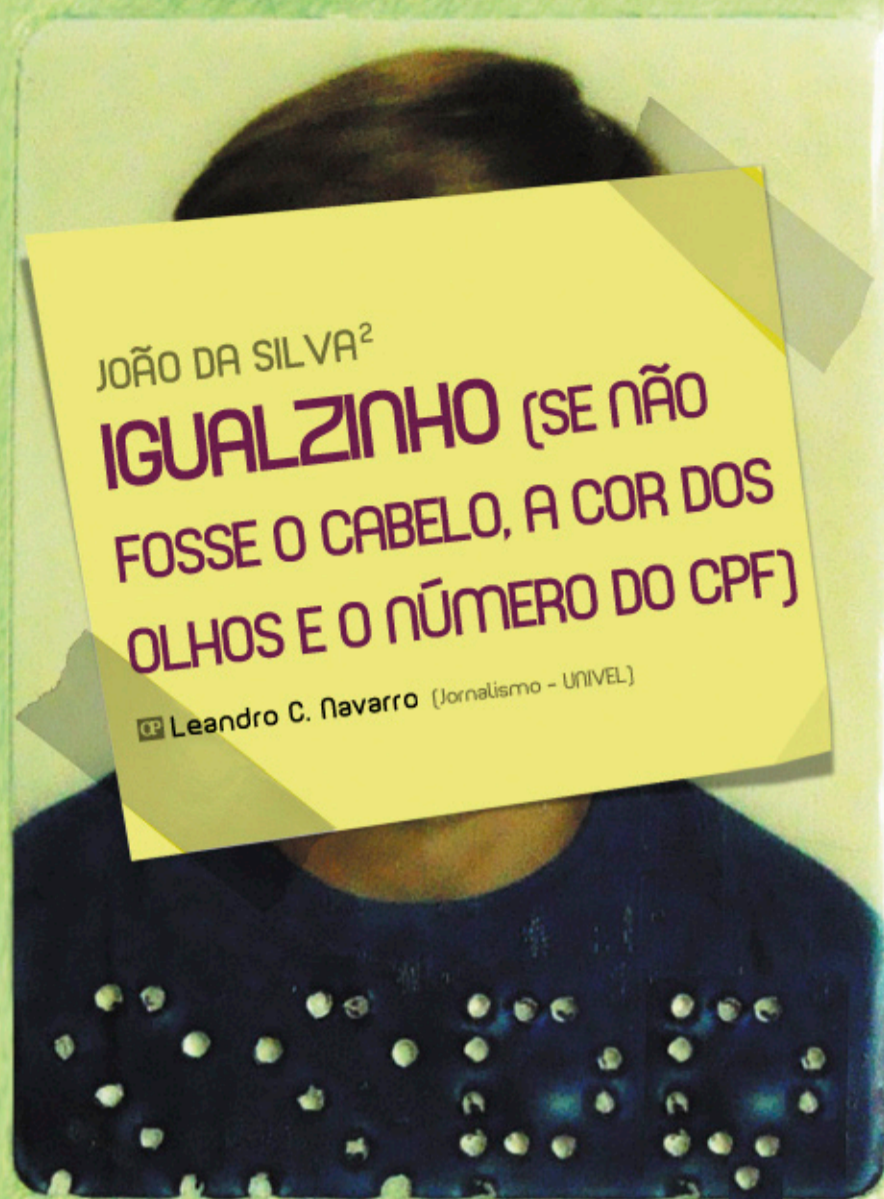


Efetuei uma pesquisa em uma faculdade de Cascavel. O objetivo era descobrir pessoas donas de um mesmo nome que convivessem em um mesmo ambiente. Minha pesquisa revelou que ali existem aproximadamente 300 pessoas com o sobrenome Silva. 105 pessoas com o nome de João. E quando refinamos a busca para encontrar o nome João com o sobrenome Silva o número caiu para quatro pessoas. Quatro pessoas com o nome contendo João e Silva. É claro que estas pessoas tinham junto outro ou outros sobrenomes. O mais interessante é que ao procurar saber quais os cursos que estas pessoas faziam, descobri que todos estão com suas matrículas trancadas, nenhum João da Silva continua estudando por lá.

A solução então foi apelar para a lista telefônica. Uma rápida olhada revela 71 pessoas com o mesmo nome e sobrenome, na mesma cidade. São anônimos, são sinônimos, são plurais e ao mesmo tempo singulares. João é um nome muito comum. Tão comum quanto o sobrenome Silva, uma das maiores famílias no Brasil. Porém o que os torna tão comuns é a junção do nome popular com um sobrenome mais popular ainda, isso os tornam muito singulares, afinal existem milhares de João, milhares de Silva, mas somente algumas dezenas de Joões da Silva. Várias ligações foram feitas, muitas não atendidas, informações de que o número havia sido trocado, até conseguir falar com alguns deles. Trago a vocês dois Joões da Silva, pessoas simples que cruzam suas histórias com a história de Cascavel. Estes dois Joões não são pessoas letradas, com diplomas, mas refletem bem o que podemos chamar de povo brasileiro. Lutaram e lutam até hoje por dignidade, respeito e uma vida melhor.



JOÃO (CÂNDIDO) DA SILVA

A origem do meu nome eu não conheço, mas foi dado pelo meu pai, o sobrenome é de família. Porém quando eu me alistei no exército, eles retiraram o Cândido, não sei por qual motivo, mas isso me causou alguns problemas. Hoje tenho 77 anos, cheguei em Cascavel em 1951 e nunca tive problemas com a a grande quantidade de pessoas com o nome igual ao meu. Em minhas atividades do dia a dia, gosto de fazer exercícios físicos, caminhar e procuro nunca ficar parado.

JOÃO DA SILVA

Eu era muito pequeno quando recebi este nome (risos), o Silva é de meu pai, eu tenho outro sobrenome, Lara, da minha mãe, mas não consta no documento. Cheguei em Cascavel em 1960, moro no bairro Floresta há 25 anos. Sou natural de Rio Branco do Sul, cidade próxima de Curitiba. Aqui em Cascavel tem muita coisa ruim acontecendo, muita banditagem, acom-

panho tudo pela televisão. Mas gosto muito daqui. Trabalhei como carpinteiro quase a minha vida toda, na construção civil. Conheci outro João da Silva, mas ele já morreu, era o João da farmácia.

Um nome é apenas um nome, pode não ser muito mais que isso. O que difere um João da Silva de outro João da Silva não é apenas o número do CPF ou a cor dos cabelos e olhos. Cada um carrega, dentro de sua essência, uma história de vida, alegrias e dores, conquistas. Cada ser humano é único. Somos iguais porque somos humanos, mas aquilo que nos torna coesos é o que nos difere. Cada João da Silva é único. Anonimamente único. Uma salva de palmas para os Joões da Silva. ☐

Para que o som se propague é necessário que exista ar. Falar, ouvir e respirar são, portanto, verbos gêmeos na exata medida de sua condição assujeitada ao invisível que emoldura a vida. Em tudo o que se capta enquanto expressão viva pela voz de alguém, seja canto, conselho, conversa ou segredo, deve-se buscar então preservar os pulmões inflados tanto de quem fala quanto de quem ouve assim como de quem depois lê. No domínio dos afetos, comunicar também é insuflar - verbo cuja raiz significa preencher com ar. Nada disso é possível no vácuo. Respirar em companhia de outros: conspirar. Conspiramos com todos aqueles com quem convivemos. Até mesmo com aqueles que não vemos.

Foi em busca dessa dimensão sutil do cotidiano com a qual se constroem grandes romances e filmes arrebatadores que direcionamos o foco de trabalho da oficina para essa edição. O exercício fundamental para se dominar o que em jornalismo se entende por perfil é justamente conseguir captar a atmosfera que a fonte a ser retratada cria em torno de si e de sua história. Com uma celebridade tudo seria mais fácil, no entanto é antes com o anonimato que se deve debater todo jornalista que queira aprofundar-se no domínio dessa difícil arte do retrato com palavras que é o perfil jornalístico.

A maneira convencional que se impôs historicamente na construção da linguagem jornalística assinala o discurs-

EDITORIAL

PARA ALÉM DO VÁCUO QUE SE FORMA ENTRE AS ASPAS

POLEGAR DIREITO

Oficina de Reportagem



GAZETA DO PARANÁ
Um grande jornal todos os dias.

Segunda-feira, 27/10/2008 - Paraná
Ed. 28 / Ano 1 / Turma 2

so alheio sempre com aspas. Aparentemente inocente, o recurso muitas vezes mutila os sentidos que se expressam a partir da fala do entrevistado. Ao recortar com aspas as idéias que percorrem as palavras registradas de uma declaração o jornalista extrai muitas vezes o ar que as torna vivas enquanto fala autêntica do entrevistado. Não existe jornalismo sem fonte. Diante disso podemos entender também como fundamento do jornalismo literário o colocar a estética como ferramenta que permita manter algo da vida nas palavras da fonte que são transcritas para dentro do corpo da matéria. E não existe aesthesis literária senão quando as palavras respiram no interior do fôlego de quem as lê - ato consumado da comunicação que se traduz em afecção. A conquista do vácuo que isola pelo vínculo em comum com o ar que nos mantém vivos. É em função disto que nesse número abandonamos as aspas para emprestarmos da literatura o recurso dos travessões. Para reintroduzir no jornalismo a possibilidade também do diálogo. Não uma voz do outro anulada pelas convenções que desobrigam o jornalista da responsabilidade ética em ser fidedigno quanto à reprodução da fala de suas fontes, mas uma outra voz que se atualiza na máxima amplitude que a linguagem permite enquanto instrumento de expressão humana. Uma questão de sensibilidade assim como a percepção do cotidiano como um segredo que se conta a si mesmo coletivamente todos os dias. ☐

COMPLETUDE O MENSAGEIRO

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Atenção! Últimas notícias das últimas semanas!

Krugman ganha Nobel de Economia
Terça-feira, 14 de Outubro de 2008 - Folha de São Paulo

As Bolsas mundiais emergiram da profunda fossa em que mergulharam na sexta para uma exuberante euforia, com subidas tão espetaculares como haviam sido as quedas na semana passada.

Terça-feira, 14 de Outubro de 2008 - Folha de São Paulo

Quatro horas da madrugada. Sim! Acordo-me com um único objetivo: entrevistar uma pessoa que se transformará em um perfil nessa reportagem. Destino?! Um jornal. Cheguei. Tudo o que vejo é uma cidade "morta". E várias pessoas com suas mochilas de trabalho cheio de jornais a serem entregues. Começo a observar. Entrevisto.

A! Onde estou?! Nossa, isso pareceu tão real. Mas foi apenas um sonho. Estou sentada na minha cama, me recompondo do sonho que tive. Tudo o que está descrito acima ocorreu no meu inconsciente, apenas fotografei tudo com meus olhos.

Porém, a matéria, literalmente, se trata dessa pessoa que in-

forma todos os dias as pessoas que lêem os jornais. Sim. Ou você acha que as notícias acima que talvez você tenha lido nas últimas semanas chegaram até você voando?! Não. Teve uma pessoa que na madrugada de um dia levou o jornal até sua porta.

Gravador na mão. Sentada frente à fonte. Começa o interrogatório.

- Você nasceu em Cascavel?
- Não. Sou de Jabaquara, São Paulo.
- Há quanto tempo mora na cidade?
- Doze anos.
- Estado civil?
- Casado, com a Luciane
- Filhos?
- Sim. Duas. Latoya e Nycoli.

Meus olhos correm no meu caderno de perguntas à fonte. Nervosamente ele balança o molho de chaves que tem na mão, pra lá e pra cá.

- Huum... E qual é seu horário de trabalho?
- Trabalho das quatro horas da manhã até as sete horas da manhã.

- Você trabalha de bike ou moto?
- Trabalho de moto.
- Você acredita ser a profissão de jornalista perigosa?
- Não. Não tem movimento de madrugada. Entre gargalhadas, a entrevista continua.
- Você se sente realizado com a profissão?
- Não.
- Por que não?
- Porque não. Então está bem.
- Mas em que área você gostaria de atuar. Gostaria de fazer uma faculdade?
- Não, não. Quando você estudava qual matéria você mais gostava?
- Matemática. Área de exatas.



PORORA VATE PRECISA RIMAR?

Mirielly Ferreira (Jornalismo - UNIPAR)

Mariana Lioto (Oficineira turma 1) (Jornalismo - UNIVEL)

Esse é um texto construído a quatro mãos e duas impressões. Entre uma tragada e outra o nosso desconhecido respondia as perguntas ora com muito humor, ora com muito amor e ora com muita dor. Ele é poeta, poeta desde sempre. Quando se descobriu estava escrevendo, e segue escrevendo continuamente, um pouco por dia, como quem cumpre uma obrigação, diz ter educado a paciência para isso.

Publicou dois livros com recursos próprios. O segundo estampa o nome BelA'bigail na capa, abaixo o nome Manoel de Araújo. Está na terceira reimpressão e é vendido um por um, em barzinhos, eventos ligados à literatura, pela cidade e cidades. Mané Londrina, como é conhecido, veio do norte do Paraná na geada do café de 75. Naquele ano Londrina perdeu muito café e Cascavel ganhou um poeta.

Ninguém lê poesia, mas todo mundo quer conhecer o poeta. Afirma enquanto autografa seu livro para algumas meninas. Não gosta de aplausos: a vaia é o aplauso do poeta. A vaia é pagamento pela fuga do bom comportamento, o poeta tem que fazer coisa nova, projetar pra frente.

Precisa rimar? Eu tenho mais de 800 poesias escritas menina.

Todo escritor escreve pra si mesmo. É um hábito solitário e egoísta. Porque a gente escreve pra gente mesmo. Enquanto o texto não me agrada, não vai pra ninguém. Olha, mas não pode ser confundido como individualismo. É uma contribuição singularíssima, daquilo que eu recebi da coletividade que é a construção do conhecimento humano. O conhecimento é obra coletiva, o que eu produzo não é só meu não, tem um pouco de todo mundo, por isso a maior fofalácia é essa história de direito autoral, intelectual, não faz sentido.

Eu não escrevo versos intimidados que dão nome de adjetivos
Eu escrevo versos para serem festejados, cantados, comemorados
Eu escrevo versos para serem lidos
Eu escrevo versos para serem condenados, para se-

rem perseguidos, para serem silenciado, censurados.
Eu escrevo versos para quem está vivo.

A noção de valor quem vai dar é o cara, né meu! Ele que se dane! Eu tô colocando eu. Não tenho essa expectativa de ter retorno do cara. Claro que eu quero ser lido, faz parte da minha vaidade, sou um ser humano, mas não é o objetivo principal ter reconhecimento. Chega de glória, o que eu quero é liberdade! Precisa rimar?

A visão de uma linguagem viva, que não está congelada nas gramáticas e dicionários, transpira. Algumas palavras precisam ser inventadas. Um amigo inventou o verbo paquidernar, sabe tipo elefante? Tem muita gente que fica paquidernando por aí. Outra que eu inventei foi abafafar, abafar o bafafá, eu abafaf, tu abafafas, ele abafafa, nos abafafamos... A ordem das palavras, a escolha das palavras, o peso das palavras, a cor das palavras altera o sabor do texto. No livro o nome da editora chama a atenção: Porora Vate. O que significa? Vate significa poeta, e Porora é porque ninguém fala "por hora", só porora. Então, "por hora poeta". Eu quase nunca escrevo um poema de primeira. Voltar, editar, reescrever, moldar, faz parte do processo. Poemas de 35 versos já foram resumidos até cinco palavras. Onde mora a poesia? Precisa rimar?

Quem determina o nosso lugar? Eu tento que seja eu. Sei que nunca é totalmente, mas faço o possível. A informação tá na internet, as bibliotecas tão abertas e de graça. O cara que aprendeu ler e escrever e as quatro operações está armado para o resto da vida. Indispensável é ler Admirável Mundo Novo, 1984 do Orwell, assistir 2020 e o Fahrenheit 451.

- Você é feliz?
- Eu não, felicidade é obra acabada. Eu quero alegria, todo dia, toda hora um pouco.

Eu ouço e não acredito
Em mim você despreza o feio
É só valoriza o bonito
Você não me quer inteiro
Quer 1/4, no máximo 1/2

Só quer metade, e tem que levar o pacote inteiro: o bom e o ruim. Uma tendência da sociedade, não é uma loucura isso? "Vamos desenvolver nossas virtudes!" Rapaz, mas e os nossos defeitos? Pô! tem que ser equilibrado, porque se eu desenvolver só as virtudes eu vou ficar capenga. Pra eu saber amar eu tenho que ser cruel também, pô!

Já fui prolixo quando comecei a escrever, era simbolista, me falaram: você escreve bem mas é muito triste, hoje não! Reaprendi a escrever, né? Ter uma linguagem mais simples, mais coloquial. Me livrei daquela linguagem mais erudita. Precisa medir tudo? Precisa rimar? A rima ajuda mas não pode ser prisão. Não tenho musa, minha inspiração vem de tudo, vem das coisas cotidianas.

Você pretende participar de alguma academia de escritores?
- Eu não quero isso pra mim não. A academia tem um tom elitista. Sabe os seres iluminados, tipo da democracia ateniense? É como se tivessem o alvará de livre pensador.

FICHA:

Nome completo: Cláudio Santana dos Santos
Idade: 26 anos
Profissão: Auxiliar de circulação. Entregador de jornal. = JORNALEIRO

E assim encerro a entrevista perfil. Com comentários do meu entrevistado e um outro senhor que estava próximo de mim: - Você tem de vir às quatro horas da manhã, daí vou encontrar todos os jornalheiros em horário de trabalho.

Eu até gostaria. Mas tenho medo de andar sozinho à noite nessa cidade. (Risos)

E com certeza, você que está lendo o caderno Outra Pauta neste instante, se assinante, recebeu o caderno em sua casa, por um jornalista, que da mesma forma que o jornalista, leva a informação. Ele (jornaleiro) é o intermediário entre o jornalista e os leitores. Ele se torna um jornalista-quase jornalista: Um mensageiro.

Outra Pauta Turma 2

GAZETA DO PARANÁ
A primeira mão do Estado

DIRETOR-GERAL: Marcos Formighieri

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Guilherme Formighieri

EDITOR OUTRA PAUTA: Prof. Dr. Sílvio Demétrio

REVISÃO: Prof. Dr. Sílvio Demétrio

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES: Douglas Menegazzi

CHARGES/ CONTRIBUIÇÃO: Leandro de Oliveira, Stanis David Lacomiz

OUTRA PAUTA: outrapauta.wordpress.com, outrapauta@gazetadoparana.com.br

EQUIPE:
Andressa M. B. Roque
Evandro Paulo
Ana Paula Detsch
Juliana Tokarski
Leandro C. Navarro
Luciano Neves
Mirielly Ferreira
Roberson Lima
Rony Santos

CONTATO:
Rua Fortunato Bebber, 868
Jardim Pacambu
Cascavel - Paraná - Brasil
CEP 85808-360
PABX: +55 45 3218-2500

Mas isso tá muito individualista, a questão não é só o que eu penso, a questão é o tema a ser discutido.

Dois filhos, já homens feitos. Um se chama Antero, e outro Pedro:

- Por que Pedro?

Falava de um outro tempo, de uma outra era

Falava do tempo em que a semente germinava vendendo a pedra

Falava de como passa o tempo, de como o tempo passa De como envelhecemos e murçamos

De como somos bem maiores que o corpo que trazemos De como somos bem diferentes que a impressão que causamos

Somos muito mais e não menos

E se corremos apenas derrotas

Ainda assim somos os melhores

Nós vencemos

Tem aquela questão de ser rocha, dureza, você ter um cerne, você ter substância. Então a pedra ela representa a substância, alguma coisa que pra você malar, molda ela, precisa de muito trabalho. O ser humano é isso. Todo mundo nasce inteligente, mas tem que saber o que vai ser feito com essa inteligência, você educa essa inteligência.

Somos bem maiores que o corpo que trazemos. Maiores. Somos bem diferentes que a impressão que causamos. Diferentes.

* Contribuição na entrevista de Eder José



CIRLEIDE DOS SANTOS SENTINELAS INDISCRETAS

Roberson Lima (Jornalismo - UNIVEL)



DA POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO ATÉ QUE A FOTOGRAFIA ACONTEÇA

Bruna Hissae/ Oficineira Turma 1 (Jornalismo - UNIPAR)

Os nossos personagens têm 58 anos e 47. Neste texto nenhum nome será revelado: eles serão tratados como números. Números que por sinal sempre estão atrelados às pessoas e, além disso, desde o início de nossa entrevista eu havia dito aos meus dois interlocutores que não precisariam me dizer os nomes caso não quisessem - e não insisti para que o fizessem.

58 levanta todas as manhãs às 4 horas. Prepara a marmita, toma seu cafezinho e segue para o trabalho. Sete horas da manhã o cartão tem que ser batido - mais uma sequência de números a que somos submetidos. 58 tem 15 minutos para seguir até o ônibus da empresa que os levará até o parque, onde os carrinhos estão à espera de cada dono. Do estacionamento de carrinhos até a rota de limpeza, 58 e o seu parceiro 47 seguem a pé, dando umas baforadas nos cigarros que são bem guardados no uniforme.

- Ahh eu só quero que você me explique: como é a rotina? Quantas quadras de limpeza? Quem define os lugares em que vocês vão trabalhar? As pessoas na rua tratam vocês bem? Eu quero saber esse tipo de coisa, pode ser?

58 muito sorridente e apontando para 47:

- Entrevista é com ele!

Sem muito ânimo para me contar sobre o dia-a-dia, e ainda segurando o carrinho com cara de quem não aguenta mais o papo chato da aspirante a jornalista, 47 deu um sorriso e disse que não iria falar nada. Foi nesse momento em meio ao desespero de ter que arrancar informações que eu disse que como seria uma matéria anônima, não precisaria que eles me dissessem os nomes, mas eu adoraria que eles me deixassem tirar uma foto.

- Não foto, não. Nem pensar! Detesto tirar foto! Ok, já que 47 se fazia de duro, a solução foi começar a conversa com 58. Um homem que não esconde as expressões vincadas com o tempo, tampouco os sinais de que a vida havia lhe sido dura. Na minha percepção ele figurava mesmo era como alguém que tem cara de um vovô querido e brincalhão.

Ele me contou do horário que levantava todos os dias, de como seguia até o trabalho e me explicou como funcionava o serviço.

- A gente tem 39 quadras para limpar todos os dias. Da Rua Pio XII até a Barão, perto do exército.

- E quem define a rota que vocês terão que limpar?

- As rotas já estão definidas, faço essa rota há dois anos, mas trabalho na empresa há quatro.

47 havia respondido uma das minhas perguntas! A vergonha logo se transformaria em amizade.

- E o senhor 58, há quanto tempo o senhor está fazendo essa rota? Quantos anos na empresa?

- Dois anos na mesma rota, e dois anos na empresa.

Eles já estavam tão acostumados com a minha presença que eu já estava segurando o carrinho como se também fosse uma trabalhadora. O carrinho segue a cor dos uniformes, tem uma enxada pequena do lado esquerdo e uma pá presa atrás do cesto de lixo.

- Para vocês, qual o lado bom do serviço?

- Olha, trabalhamos das 8 horas às 14h15, é um trabalho como qualquer outro, mas a melhor coisa é chegar em casa para tomar um banho e descansar.

- E os aspectos negativos?

profissão. Segundo ela, às vezes os próprios amigos não acreditam que o vozeirão da rodoviária, é da Cirleide.

O pequeno forte, estrategicamente colocado na saída do terminal, além de equipamentos de som, é ocupado também por planilhas, fichários, gráficos entre outras quinilinhas administrativas. Ali a mulher de mil afazeres contou um pouco sobre seu trabalho de locução na rodoviária.

- Além dos avisos rotineiros, o que mais fica a cargo dos locutores da rodoviária? - perguntei-lhe.

- Também temos a função de organizar o trânsito dentro das plataformas de embarque e desembarque. Mas é tranqüilo, pois cada empresa tem sua garagem específica.

- Você tem uma média diária do número de ônibus que circulam pela rodoviária?

- Uma média de 150 carros por turno.

- Quantos turnos?

- Três turnos de seis horas cada - é interrompida - com licença.

- A pausa é para mais um aviso. O destino o Rio de Janeiro, vindo de Foz do Iguaçu. Sem me conter olhei no relógio, 16h07min, afinal, se optasse em viajar por terra e de ônibus, agora já saberia que horário ir para a cidade maravilhosa.

Retomei a entrevista. Perguntei-lhe sobre a época de férias e seus sequenciais horários de pico...

- Nessas épocas o número triplica, às vezes os ônibus estacionam até na rua.

- E como você faz?

- Trabalhamos em mais pessoas. Outros fiscais dividem as plataformas, e repassam as informações.

Nesta pergunta 47 se adiantou e respondeu apressado, como se quisesse me dizer as coisas como realmente são.

- Para ser bem sincero, existem umas senhoras que pensam que somos as faxineiras delas. Querem que a gente varra a calçada e que não deixe nada, nem uma folha. Elas não entendem que o nosso serviço é tirar o mais grosso das folhas das árvores, não limpar os cantinhos. Tem mulher que ameaça "vou ligar para a companhia de vocês e vou reclamar", eu até passo o número da empresa quando escuto uma dessas.

Concordando com que o amigo dizia, 58 logo me mostrou com a vassoura na mão a maneira como algumas "madames" queriam que eles limpassem.

- Ao invés de passar a vassoura reta como de costume, elas querem que a gente passe com o cantinho. Se fosse para ser assim, levaríamos um dia para limpar uma única quadra. Têm outras mulheres que quando vêem a gente passando, logo correm para o jardim e já vão dizendo sem nenhuma cerimônia para que eu coloque a mão no meio dos espinhos, para pegar a sujeira que está depositada lá. Eu então respondo para que ela mesmo tire.

- Quando eu fazia a rota da Rua Paraná, lá era horrível. Tinha uma dona de loja que brigava toda vez que eu passava lá. Houve até uma vez que o dono da empresa teve que ir lá explicar qual era o nosso trabalho. Ainda bem que sai daquele lugar!

Sabe quando criança faz cara de aliviado e emite o som conhecido universalmente como Ufa? Foi essa a expressão transmitida por ele. Logo percebi que os dois já estavam mais acostumados com a

- Percebi que os motoristas te deixam um ticket, o que é? Explicou que os tickets contêm todas as informações sobre os carros e passageiros de cada veículo que entra ou sai da rodoviária.

- Portanto você tem o número exato de pessoas que freqüentam a rodoviária?

- Sim. Claro que há as exceções de, por exemplo, pessoas que não embarcam, mas a margem de erro é mínima.

- A locução da rodoviária faz anúncios comerciais?

- Não. Além dos avisos normais, noticiamos assuntos de utilidade pública.

- Por exemplo campanhas de vacinação e afins?!

- Sim. Mas também freqüentemente somos acionados para avisos de pessoas e objetos perdidos no interior da rodoviária.

- Já teve que narrar algum anúncio inusitado ou estranho?

- Já. Uma das vezes foi sobre uma criança que tinha desaparecido durante a noite, lembro que repeti o anúncio milhares de vezes. Os pais estavam desesperados.

Cirleide conta que foi montada uma verdadeira operação entre funcionários, fiscais e pessoas para encontrar a criança. Mas tudo deu certo, a criança foi encontrada e tudo terminou bem.

- Qual a preparação para desempenhar a função de vocês?

- Além de cursos de locução, fonoadiólogos são consultados para avaliar a capacidade ou não para desempenhar a função.

- Já teve ou tem algum problema de garganta ou voz por causa do trabalho?

- Não. Afinal são 14 anos de experiência.

Por volta de 16h30min, o ritmo de veículos e avisos aumentou repentinamente, o que tomou praticamente todo o tempo da conversa. Me despedi agradecendo a entrevista e a simpática e bem humorada locutora finalizou se dispondo a responder qualquer dúvida.

O paradoxo que cerca a profissão de Cirleide é um dos fatores que torna sua profissão, no mínimo, interessante: ela é ouvida por milhares e vista por poucos. Na correria do dia-a-dia até imaginamos que aquela voz, que ecoa barracão rodoviário adentro, seja uma gravação. Mas não, a voz grave e bem definida que ouvimos , é de uma pessoa que além de preparada, está em alerta para tudo o que ocorre no local que com certeza é um dos mais movimentados da cidade.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.

Verdadeiras sentinelas do transporte.



1000 ALÔS

QUARTETO FANTÁSTICO

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

A costumados com os atendimentos automáticos de gravações e os vendedores de telemarketing com o tempo essa profissão caiu no anonimato. Em geral não se dá importância para quem atende e passa a ligação. As intermediárias nunca têm a nossa atenção. As telefonistas.

- Prefeitura, boa-tarde?

Demorei uns quinze minutos para achar a sala das telefonistas na prefeitura, sala pequena, nem arrisco a medir mentalmente, minha noção de espaço é quase zero. Mas arrisco a dizer que é bem pequena, como um corredor, e termina direto em uma janela imensa que quando o sol bate faz o recinto quase virar um forno.

Foi nesse cenário que conheci o verdadeiro quarteto fantástico. Não, elas não tem superpoderes, mas atendem em uma tarde umas mil ligações, entre essas ligações estão chamadas de gente mal educada ou que simplesmente quer mostrar que tem cordas vocais! Esse quarteto tem nome. São elas: Nilce Cortina, Marlise Deminski, Maria Tereza Correa e Nelda Barbara Mahl.

OUTRA PAUTA - Boa tarde! Tudo bem? Eu liguei hoje cedo!

TELEFONISTAS - Entre. (bondosamente me permitem acesso!)

OP - Gente como essa sala é pequena? (Falo espantado)

Marlise - Tá sentindo como é abafado aqui? E ainda bate sol aqui direto na gente!

OP - O ar-condicionado funciona?

Marlise - Funciona! Quer que eu ligue? (Já ia se levantando)

OP - Não obrigado, onde eu trabalho é pequeno e também não tem ar, eu agüento (Mentira! Estava muito abafado, mas se elas estavam agüentando? Por que não eu?)

OP - Então, assim... como que é, mais ou menos, o trabalho de vocês?

Marlise - O trabalho em si é assim: a gente atende, passa mais informações... mais parece mesmo um 102. Você passa informações desde, por exemplo, telefones úteis da prefeitura, que é a nossa função. Até telefones de lojas as pessoas perguntam, se a gente tem a gente passa. (Marlise olha para as outras como que pedindo aprovação! Esta é obtida quando todas balançam a cabeça positivamente) - e... do comércio em geral. Pra nós se-riam mais os telefones da prefei-

tura, né? Tudo que diz respeito a órgão público agente está informando. Núcleo regional, que não é da gente, mas nós informamos.

OP - Vocês têm algum tipo de agendinha aqui?

Marlise - Tem assim (me mostram a sala e apontando para uma agendinha) aqui é tudo assim, na base da escrita, nada é informatizado. Às vezes as pessoas ligam de outra cidade e falam assim "Você sabe o telefone de tal lugar?" Eles pensam que é informatizado, mas não é, né?

- Às vezes liga alguém de longe pedindo o telefone de um hotel, a gente tem como ajudar (começa Nelda Bárbara Mahl, meio tímida, mas firme), mas tem que recorrer à lista, lá - aponta para duas listas telefônicas, uma em cima da outra) - a gente fala "olha se você puder esperar um pouco, nosso sistema não é informatizado então a gente vai procurar. Tenta ajudar. Mas aqui é tudo na base das "listinhas". A gente anota em um papel, mas geralmente recorre a agendinha dela - aponta para Nilce Cortina, única cadeirante entre as telefonistas

- Ela é a mais organizada de nós - complementa Marlise - A gente tem as nossas, mas a da Nilce é "a" agenda, tudo que você precisa tá ali!

No momento em que elas estão comentando sobre os aparelhos antigos que elas usam para realizar o seu trabalho noto que Nelda, que está no atendimento no momento, atende uma ligação. Me diz, depois, se tratar de uma ligação da Europa pedindo um telefone de um banco aqui de Cascavel. "Praticamente um auxílio à lista".

OP - Vocês recebem muito trotes aqui?

Nilce - Eu já atendi um trote.

Marlise - Aquele da bomba, né? (todas novamente confirmam com a cabeça)

Nilce - Ligaram dizendo que tinha uma bomba na cozinha, a polícia veio, revistou tudo.

Marlise - Ahh! Tem algo muito engraçado. (toda animada ela me conta) - tem uma pessoa que liga aqui e grita. Ela liga e grita, simplesmente grita. Grita e desliga.

Nelda - Tem gente que liga, querendo xingar o prefeito e fica xingando a gente.

Marlise - Quando nós passamos ligação, o setor não atende e volta pra nós, as pessoas querem brigar com a gente: "você me passou em um setor que não me atende..." (imita uma pessoa indignada). Quem leva bronca, quem ouve, é a telefonista.

OP - Então vocês são de tudo um pouco aqui,

além de telefonistas

são saco de pancada, psicólogas...

Nelda - Nossa época de psicólogas já foi. Agora nós estamos virando tudo paciente aqui. (risadas gerais).

OP - Vocês costumam falar bastante ao telefone quando estão em casa?

Marlise - Eu não.

Nilce - Eu também não.

Maria Tereza - Eu gasto bastante, para ser sincera, eu gasto bastante.

Nelda - Eu não falo muito não, mas às vezes passam aquelas pessoas querendo saber um número e eu já fico com uma vontade de responder. Você decora os telefones, né? (Constantemente ouço o famoso "né?" como se pedindo para que as outras aprovelem suas palavras).

OP - Vocês já conheceram alguém? Ficaram amigas de alguém um desconhecido que ligava de volta, ou nunca? (momento constrangedor! acho que todas já conheceram alguém assim, ficam vermelhas, abaixam a cabeça rindo nervosas e olhando o chão por um momento e depois olhando para Maria Tereza que antes quieta, começa a se soltar na entrevista).

Maria Tereza - Já! A gente fala por telefone e depois conhece. Eu já fiz isso, acho legal.

Marlise - Não me recordo... (pensativa)

OP - Você está vermelha.

Marlise - Eu sou vermelha!

OP - E vocês tem algo assim, como...hummm... atender educadamente? Mesmo quando vocês estão naquele dia terrível?

Maria Tereza - Educadamente.

Nilce - Quando a pessoa vem e fala grosso, sem cuidado... hãhãhã... (risadas vingativas) eu atendo bem, mas não vem levantando a voz pra mim não...

Marlise - Assim, se a pessoa está muito alterada, a última... o nosso lema aqui é desligar. Porque depois pra falar algo não dá, né? Se você gritar, gritar, gritar você já vai ficar meio assim (cara de mal humorada). Então desliga.

Nilce - Daí a pessoa acalma e liga de novo. (eu rio juntamente com elas)

OP - Há! Vocês sabem quando é o dia da telefonista?

Maria Tereza - Sabemos, mas no momento não! (dá uma risadinha e faz cara de quem quer lembrar).

Nelci - Vinte e nove de junho;

OP - Vinte e nove de junho? Eu realmente não sabia! E alguém já ligou parabenizando vocês nesse dia?

Maria Tereza - Olha aqui não, mas quando eu trabalhava no pátio eles lembravam sempre. No pátio eles valorizam mais do que trabalhar aqui dentro. Você trabalhando em uma secretaria (como telefonista) você é mais valorizada do que aqui dentro.

Nelda - Aqui dentro ninguém lembra quem está aqui ou está lá fora.

Marlise - Esse ano ninguém lembrou, né? - comenta pensativa.

Nelda - Eu acho que todo mundo fica esperando pelo outro (gesticula imitando alguém e falando) alguém deve ter se lembrado delas. E daí ninguém fala nada.

OP - E a renda de vocês? O salário de telefonista aqui é bom?

Marlise - Quem trabalha aqui tem que ter outra renda. As telefonistas da Câmara (de Vereadores) se eu não me engano ganham quase o dobro que nós.

Nilce - Eu já tentei concurso da Câmara para passar pra lá. Mas não consegui. (balança a cabeça em sinal de lamentação). Vou fazer informática, sempre caio na informática.

OP - E vocês têm outra renda? Vocês fazem alguma coisa extra ou não?

Nelda - Ah! Todo mundo se vira como pode, né?

Maria Tereza - Eu, no caso, não, né?

Nelda - Todo mundo faz uma coisinha!

OP - O que você faz?

Nelda - Eu procuro sempre estar vendendo alguma coisinha por aí! Pra complementar o salário.

OP - "Coisinha" tipo Avon, essas coisas?

Nelci - Vai de tudo, vai Avon, vai Hermes.

Marlise - Tem marido que ajuda. Eu sou casada, no caso. Com o meu salário, não dá. E eu comecei a fazer faculdade esse ano, daí já viu!

OP - Vocês não se cansam de ficar a tarde inteira aqui nesta sala?

Maria Tereza - Eu gosto muito. Eu gosto.

Nelda - A gente se acostuma né?

Marlise - Agora que a gente está em quatro é melhor. Quando éramos só em duas era uma rotina bem chata. Não dava tempo de conversar porque tinha muito fluxo de ligação.

Nilce - Às vezes começa uma história quando chegávamos e só íamos terminar no final da tarde.

Marlise - Agora que a gente está em quatro, tem a janela que a gente pode olhar todo mundo daqui.

OP - Ahá! Só de olho, então.

Marlise - Nada passa despercebido. Aqui de cima cuida tudo (se referindo a uma das meninas).

OP - As pessoas ligam contando coisas pra vocês?

Maria Tereza - Ligam.

Nelda - Tem muita informação que a gente sabe, que os outros contam pra gente... (risadinhas gerais) outras vezes nós acabávamos vendo quem saiu ou quem entrou na prefeitura pelo jornal, daí cortaram o jornal da gente. Disseram que não tinha necessidade de ficar lendo o caderno de fofocas. Até então era o único acesso a informação que a gente tinha na prefeitura. Agora a gente só fica sabendo pelas pessoas mesmo.

Marlise - Eu sempre escutei isso nos cursos que a gente fazia: "O telefonista é o cartão postal da empresa". Se uma empresa trata bem a telefonista, automaticamente vai ser bem vista, né? A gente espera que pelo menos venha uma injeção de ânimo que é o salário. Mas a gente vai continuar atendendo bem...

Maria Tereza - Prefeitura boa-tarde!

Patch Work

"O Jornalismo Narrativo caracteriza-se pelo uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos. Pressupõe um mergulho intenso do narrador no ambiente sobre o qual escreve. Primórdios dessa interface entre o jornalismo e a literatura estão presentes em vários casos significativos da história contemporânea. Na literatura de ficção europeia do século XIX, a escola do realismo social caracterizou-se pela ação do escritor em realizar pesquisas de campo detalhadas, antes de compor um romance ou novela. Suas histórias nasciam dessa observação minuciosa da realidade".

EDVALDO PEREIRA LIMA

"Se a indústria do jornalismo procurasse fazer o melhor, cotejasse suas formas de pensar, e procurasse idéias incomuns em todo o seu espectro descobriria algumas coisas novas e muito atraentes".

BILL KOVAC

"O trabalho de uma matéria toma semanas ou meses, incluindo o tempo gasto lendo temas relacionados com economia, psicologia, política, história e ciência. Jornalistas literários fazem anotações elaboradas, retendo as palavras das citações, a seqüência dos eventos, detalhes que mostram a personalidade, atmosfera e o conteúdo sensorial e emocional. Nós temos mais tempo do que é permitido para os jornalistas que escrevem diariamente, temos mais tempo para uma segunda avaliação e para repensar as primeiras reações".

MARK KRAMER

Foto: Rony Santos

